



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MARIA ADELÚCIA DOS SANTOS

**O APORTE LEXICAL AFRICANO NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS
DO BRASIL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2013**

MARIA ADELÚCIA DOS SANTOS

**O APORTE LEXICAL AFRICANO NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS
DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva

**CAMPINA GRANDE-PB
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237a

Santos, Maria Adelúcia dos.

O aporte lexical africano na formação do português do Brasil [manuscrito] : / Maria Adelúcia dos Santos. – 2013.
43 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras,
com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares Da Silva,
Departamento de Letras”.

1. Língua Africana 2. Léxico 3. Língua Portuguesa I.
Título.

21. ed. CDD 496

MARIA ADELÚCIA DOS SANTOS

**O APORTE LEXICAL AFRICANO NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS
DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para
obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em
Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro
de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 06/09/13.

BANCA EXAMINADORA

| | |
|-------------------------------------------------------------|------|
| <u>Ricardo Soares</u> | 10,0 |
| Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva - UEPB (Orientador) | |
| <u>Jomar Ricardo da Silva</u> | 10,0 |
| Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva - UEPB (Examinador) | |
| <u>Paloma Sabata Lopes da Silva</u> | 10,0 |
| Profa.Ms. Paloma Sabata Lopes da Silva - UEPB (Examinadora) | |

**CAMPINA GRANDE-PB
2013**

Aos pesquisadores que dedicam-se
aos estudos das relações linguísticas e
culturais entre África e Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Deus, principalmente, por me guiar, fortalecer e permitir conquistas em minha vida.

Aos meus pais, Augusto e Helena, pela minha formação enquanto pessoa, pelo amor e dedicação a mim conferidos e por serem os meus maiores torcedores.

Aos meus irmãos, Aldo e Aparecida, por serem exemplos de determinação e competência profissional no âmbito da educação.

Às amigas Adélice e Maiara, por conviverem comigo diariamente, dividindo momentos, aprendizados e responsabilidades.

Ao meu amor, Thiago Meneses, por estar presente em minha vida e me confortar nas horas difíceis.

Aos colegas do curso de Letras, especialmente a Eliane Moraes, pela relação de amizade construída e pela companhia nos eventos acadêmicos.

A todos os professores do curso, pelos ensinamentos atribuídos ao longo da graduação.

Ao meu orientador, Ricardo Soares, pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, pelo conhecimento compartilhado nas disciplinas Latim I, II e Português VI, e por ter despertado em mim o interesse pela história da língua portuguesa.

“Os operários das transformações de nossas línguas são esses representantes de tantas raças, desde a saxônica até a africana, que fazem neste solo exuberante amálgama do sangue, das tradições e da língua”.

José de Alencar

“É uma língua forte e saborosa ao mesmo tempo; clara e colorada, cheia de espírito, excelente ao gosto, tendo bem o sainete de sua origem muito portuguesa, mas deixando ver distintamente em cada palavra, sua raiz bundo-guarani, no fundo do qual se distinguem com limpidez e transparência todas essas etimologias grega, latina, bundo-guarani como pérolas e corais debaixo d’água de um límpido mar. (...) Escrevo em nosso idioma que é luso-bundo-guarani. (...) A riquíssima língua portuguesa, entre nós, ainda mais rica se tornou com o montão prodigioso de novos termos africanos e guaranis”.

Salomé Queiroga

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o léxico de matriz africana incorporado ao português do Brasil, de modo a perceber as distinções existentes entre esta modalidade de língua e aquela existente em Portugal. De maneira mais específica, procuraremos investigar a relação resultante do contato entre as línguas africanas e o português do Brasil, em termos de influência, semicrioulização, crioulização ou pidginização. Ao mesmo tempo, buscaremos identificar em quais contextos os aportes lexicais de base africana foram integrados à língua que se fala no Brasil. Quanto à metodologia, procedemos à elaboração de um inventário de palavras africanas integradas ao sistema lexical brasileiro, utilizadas pelos falantes em diferentes segmentos culturais da sociedade: religiosidade, culinária, música, vestuário e relações familiares. Percebemos que as línguas africanas contribuíram de forma significativa para a configuração do português em sua modalidade brasileira, influência verificada sobretudo no patrimônio lexical. Para tanto, fundamentamo-nos nas contribuições teóricas de alguns estudiosos que se ocupam da temática, tais como Castro (2001), Bonvivi (2009), Silva (2004), Mendonça (1973) etc.

Palavras-chave: Línguas africanas. Português do Brasil. Sistema lexical.

ABSTRACT

The present work want to analyze the lexicon of african matrix incorporated to portuguese of Brazil, mode of understand the distinctions between this mode and that existing in Portugal. More specifically, seek to investigate the relationship resulting from the contact occurred between African languages and portuguese of Brazil, in terms of influence, creolization, semicreolization or pidginization. At the same time, seek identify in which contexts the lexical contributions of the african were incorporate into the language spoken in Brazil. Methodology, as we proceed to preparation of an inventory of words of african origin integrated into the lexical system brazilian, used by speakers in different cultural segments of society: religiosity, cooking, music, clothing and family relations. It realizes that African languages have contributed significantly to the configuration of Brazilian Portuguese with verified influence mainly in lexical equity. Therefore, the study bases on the theoretical contributions of some scholars who study the subject, such as Castro (2001), Bonvivi (2009), Silva (2004), Mendonça (1973)etc.

Keywords: African languages. Portuguese of Brazil. Lexical system.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS DO BRASIL E O PORTUGUÊS DE PORTUGAL..... | 12 |
| 1.1 O português do Brasil..... | 12 |
| 1.2 Português brasileiro e português europeu: algumas diferenças..... | 14 |
| 1.2.1 Distinções fônicas..... | 15 |
| 1.2.2 Distinções sintáticas..... | 15 |
| 1.2.3 Distinções lexicais..... | 16 |
| 1.2.3.1 Translação semântica..... | 17 |
| 2 O PRESTÍGIO DA ESCRITA EM DETRIMENTO DA ORALIDADE..... | 20 |
| 2.1 O prestígio atribuído ao iorubá..... | 20 |
| 2.2 A linguagem dos quilombos..... | 22 |
| 2.3 Os níveis socioculturais de linguagem..... | 24 |
| 2.3.1 Nível 1 ou língua de santo..... | 24 |
| 2.3.2 Nível 2 ou língua do povo-de-santo..... | 25 |
| 2.3.3 Nível 3 ou linguagem popular da Bahia | 26 |
| 2.3.4 Nível 4 ou português regional da Bahia..... | 26 |
| 2.3.5 Nível 5 ou português do Brasil..... | 26 |
| 3 A RELAÇÃO ENTRE AS LÍNGUAS AFRICANAS E O PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL: influência, semicrioulização, crioulização ou pidginização?..... | 28 |
| 3.1 Breve esboço da procedência e distribuição africana no Brasil..... | 28 |
| 3.2 As línguas africanas no Brasil..... | 29 |
| 3.3 Algumas posturas acerca da relação “línguas africanas-língua portuguesa” no Brasil..... | 30 |
| 3.4 Inventário de palavras africanas incorporadas pelo português do Brasil..... | 32 |
| 3.4.1 A religiosidade..... | 34 |
| 3.4.2 A culinária..... | 36 |
| 3.4.3 A música..... | 37 |
| 3.4.4 O vestuário..... | 38 |
| 3.4.5 As relações familiares..... | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 41 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

De acordo com os estudos voltados para a formação da língua portuguesa, é notório que o português do Brasil foi constantemente influenciado por determinadas línguas, as quais colaboraram para a construção de uma variante da vertente metropolitana. A variação verificada sobretudo no âmbito da fonética, da sintaxe e da lexicologia, é resultado da atuação de fatores históricos, dentre eles a presença africana na história brasileira entre os séculos XVI e XIX.

O comércio escravocrata constituiu uma atividade bastante rendosa para diversos países europeus. As rotas pelas quais vieram transportados os negros para o Brasil eram dominadas pelos portugueses, passando pelos territórios do Golfo da Guiné e pela Costa da Angola, destinadas aos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão e a outras localidades. Como um procedimento político adotado pela metrópole, os negros foram dispersos pelo território brasileiro a fim de evitar uma concentração étnica e cultural.

Diante do contexto da presença afro-negra no Brasil, a chegada do quimbundo (Angola) e do iorubá (Nigéria), além de diversas outras línguas africanas, influenciou decisivamente a língua que se fala hoje no Brasil. Apesar de notória a contribuição dos africanos para a caracterização do português brasileiro, grande parte dos falantes desconhece tal influência.

Entre os estudiosos, não há consenso ao se tratar da temática das línguas negro-africanas na configuração do português do Brasil, uma vez que os puristas procuram adotar a noção do português padrão e homogêneo como ideal linguístico. Atribuem aos falares africanos um caráter deformador ou apenas acelerador das tendências latentes da língua portuguesa.

Com o avanço da linguística moderna e contemporânea, surgiram outras afirmativas que definem a língua como heterogênea e diversificada, as quais consideram a participação dos africanos como importantes agentes transformadores da língua portuguesa.

Diante do debate desenvolvido pelas diversas posturas acerca da presença das línguas africanas no território brasileiro, o presente trabalho pretende analisar o léxico de matriz africana incorporado ao português do Brasil, de modo a perceber as distinções existentes entre esta modalidade e aquela existente em Portugal. De maneira mais específica, procuraremos investigar a relação resultante do encontro das línguas africanas com o português brasileiro, seja em termos de influência, semicrioulização, crioulização ou ainda pidginização. Ao

mesmo tempo buscaremos identificar em quais contextos os aportes lexicais de base africana foram integrados à língua que se fala no Brasil.

Com base em seus objetivos, a presente pesquisa apresenta caráter explicativo, uma vez que justifica os fatores que contribuíram para a formação de um português dotado de características peculiares, distinto do português metropolitano.

Quanto aos procedimentos de coleta, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, visto ser desenvolvida com base em um material já elaborado a partir de referências teóricas. Segundo a natureza dos dados, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois se ocupa da compreensão e interpretação do fenômeno, obedecendo a um procedimento histórico-comparativo, dentro de uma perspectiva dialética. Trabalha a reciprocidade entre a língua portuguesa e as matrizes africanas absorvidas.

A fim de que esta temática seja abordada de forma mais esclarecedora, organizamos a pesquisa em três capítulos: no primeiro, discorremos sobre a constituição de uma ideologia que definiu a língua aqui falada conforme uma postura nacionalista, abordando temas distintivos entre a língua nacional e a metropolitana.

No segundo capítulo consideramos o modo como as línguas africanas são abordadas no meio científico, partindo do crédito que é dado à língua iorubá, em detrimento da língua banto. Consideramos também o atual contexto ao qual pertencem os aportes lexicais de base africana através dos níveis de linguagem.

No terceiro capítulo contemplamos o debate de alguns estudiosos acerca da relação de contato entre as línguas africanas e o português falado no Brasil. Para o desenvolvimento deste tópico, foi necessária uma abordagem histórica introdutória sobre as circunstâncias nas quais os africanos foram aqui introduzidos. Para atestar a contribuição lexical no sistema linguístico brasileiro, procedemos a elaboração de um inventário de palavras de origem africana integradas ao português do Brasil, a partir dos seguintes indicadores culturais: religiosidade, culinária, música, vestuário e relações familiares.

1 DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS DO BRASIL E O PORTUGUÊS DE PORTUGAL

A política linguística de orientação filológica de meados do século XIX defendia um ideal que tinha como pressuposto a vitória da língua da “cultura superior”, a portuguesa, em detrimento das línguas autóctones e africanas que entraram em contato com a língua do colonizador. Essa ideologia, embora esteja em descenso, ainda possui seguidores tenazes, puristas da língua influenciados por uma postura eurocêntrica, os quais atribuem aos falares indígenas e africanos um caráter deformador e simplificador da língua portuguesa.

No entanto, conforme o avanço dos estudos sociolinguísticos, os aspectos da heterogeneidade linguística do Brasil foram defendidos, considerando-se a complexa interação entre a língua do colonizador e as numerosas línguas indígenas, africanas e emigrantes aqui instaladas. Destacam-se os africanos como um dos principais agentes transformadores do português brasileiro, os quais permitiram o afastamento do português europeu, dada suas particularidades fônicas, sintáticas e lexicais.

1.1 O Português do Brasil

Como resultado das marcas da Independência de 1822, a questão da formação da língua brasileira estava ligada sobretudo ao aspecto político. Na ânsia de identificar as diferenças existentes entre Brasil e Portugal a partir de elementos autóctones diferenciadores, os estudos linguísticos eram orientados por uma posição ideológica nacionalista.

No âmbito literário, a ênfase recaiu sobre o elemento indígena, impulsionado pelo movimento intelectual e artístico do Romantismo. O Indianismo encontrou em Gonçalves Dias e em Alencar os seus maiores precursores, propagando a figura do índio como o herói da nação brasileira.

Tal honraria literária não recebeu, porém, o elemento africano na literatura brasileira. Dada a negação da influência negra sobre a sociedade brasileira e sobre a língua portuguesa falada no Brasil, Coutinho (1997, p.304) destaca que “o brasileiro é figurado no caboclo, nunca no negro ou no mulato. Na literatura tivemos o indianismo, não o negrismo ou mulatismo. Nos tempos da independência, os nomes de família, jornais e partidos eram tupis e não negros”.

O sentimento nacional construído sob a égide do Romantismo sugere que a constituição do povo brasileiro seja resultado da mistura do elemento português com o elemento indígena. O negro, desse modo, é excluído da formação da nacionalidade brasileira.

A literatura, contemplando tal ideologia, ocupou-se em exaltar a figura do índio em detrimento da figura do negro. Embora algumas obras abordem uma temática antirracista figurando o brasileiro no mulato, há aí uma ideia subjacente de branqueamento do mestiço, afastando-o do negro e aproximando-o do branco.

Neste contexto, foi conferida ao índio uma atuação efetiva na construção do novo elemento linguístico, enquanto que ao negro era atribuído um papel regionalmente localizado, e isolado da cultura nacional. A influência dos povos africanos nesse período foi considerada nula e sem interação linguística significativa.

O movimento Modernista da década de 1922 também adotou uma postura nacionalista, cujo ideal era o de defender uma língua autenticamente brasileira em suas particularidades sintáticas, lexicais e expressivas, afastada de purismos clássicos e lusitanos. Os intelectuais, influenciados pelas correntes estruturalistas, empenharam-se em constituir uma política linguística nacional, a qual foi concretizada na década de 1970, momento da implantação desta no ensino conforme a lei 5.692/1971.

Segundo Silva (2004), depois do movimento Modernista, a questão da língua brasileira migra do âmbito literário para o âmbito da filologia e da linguística, o que acaba por neutralizar as posturas nacionalistas ideológicas e essencialmente política de então.

Os estudos voltados para a formação da língua brasileira adquiriram impulso com o desenvolvimento da sociolinguística no Brasil a partir de 1970, a qual buscava explicar a sua diversidade e heterogeneidade, e também a partir de “uma motivação interna, nossa, que é a questão linguística da língua que usamos, o português brasileiro, língua oficial majoritária de nosso país” (SILVA 2004, p.44).

O Português brasileiro é nascido no encontro da língua de negros e índios com o português europeu, além de diversas outras línguas aqui faladas, as quais entrecruzadas resultaram numa diversidade de variações regionais e sociais.

Um dos contrapontos a essa noção de variação é a tese da unidade e do conservadorismo, postulada na obra *A língua portuguesa no Brasil: problemas*, de Serafim da Silva Neto. Segundo Silva (2004, p. 48), tal postura é “marcada por orientação ideológica que tem como pressuposto a necessária vitória da língua da *cultura superior*, a portuguesa, em relação às línguas autóctones e africanas com que o português entrou em contato no complexo processo sócio-histórico do Brasil”.

No entanto, essa tese encontra-se em descenso uma vez que é evidente o caráter plural, heterogêneo e variável do português do Brasil.

1.2 Português brasileiro e Português europeu: algumas diferenças

Na tentativa de compreender e explicar a diferenciação entre o português falado no Brasil e o Português falado em Portugal devido à diversidade de contextos sociais e históricos da interação linguística, cabe ressaltar algumas diferenças observáveis entre as duas modalidades.

Quanto a estas distinções, Castro (2012, p.37) destaca o papel das línguas africanas, uma vez que considera os negros os principais agentes de transformação do português brasileiro:

Aqueles vozes são perceptíveis na pronúncia em vogais da nossa fala (ri-ti-mo, a-di-vo-ga-do), na nossa sintaxe- tendência de não marcar o plural do substantivo (os menino, as casa), na dupla negação (não quero não), no emprego preferencial da próclise (eu lhe disse, me dê)- e se revelam de modo inequívoco nas centenas de palavras que enriquecem o patrimônio linguístico do português do Brasil.

A influência das vozes africanas se faz sentir claramente na estrutura silábica consoante-vogal (CV), na qual a vogal é o centro da sílaba. Nas línguas banto e iorubá, as sílabas sempre terminam em vogal e não existem duplas consoantes (CC). Assim, no português brasileiro permaneceu tal tendência ao desfazer, por exemplo, encontros consonantais do tipo ritmo e advogado, intercalando-se uma vogal: ri-ti-mo; a-di-vo-ga-do, devido à proximidade da estrutura linguística das línguas negro-africanas e o português europeu antigo.

Na adaptação morfossintática verificada em “os menino” e “as casa”, presente principalmente na linguagem corrente das camadas menos prestigiadas, há um economia da marca de pluralidade, ocorrida apenas no determinante e ausente no substantivo. No caso de dupla negação também recorrente entre os falantes menos escolarizados enfatiza-se a intenção negativa da sentença. O emprego preferencial da próclise “eu lhe disse, me dê” reforça a noção de distinção entre o português do Brasil e português europeu.

As particularidades ocorridas no português do Brasil estão presentes em todas as partes do território brasileiro, comum tanto ao falar das classes estigmatizadas quanto ao falar descontraído e mais educado das camadas socialmente privilegiadas. As especificidades decorrentes da atuação das línguas africanas serão aqui abordadas em termos de distinções

fônicas, sintáticas, e com atenção especial para as distinções lexicais, fator mais sensível às influências.

1.2.1 Distinções fônicas

No que diz respeito à fala, um dos aspectos mais evidentes em relação às diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal são as variações verificadas na pronúncia ou sotaque.

É no sistema vocálico destas duas modalidades de língua que as distinções se instalam com maior evidência. A aproximação entre a estrutura silábica das línguas africanas com o português arcaico provavelmente possibilitou ao português brasileiro a continuidade do tipo prosódico de base vocálica, distinguindo-o do português europeu, de pronúncia marcadamente consonantal.

Em linhas gerais, ao passo que o português do Brasil caracteriza-se pela vocalização bem articulada e enfraquecimento das consoantes em posição final das palavras, no português europeu dá-se o inverso. Os portugueses tendem a apresentar forte articulação das consoantes, atribuindo ao português de Portugal um caráter mais consonântico.

1.2.2 Distinções sintáticas

Dada as especificidades sintáticas do português do Brasil, considera-se que a gramática brasileira difere da portuguesa. Um dos pontos cruciais de tal distinção é verificado no sistema pronominal que, segundo Silva (2004, p.143), está presente “tanto na posição de sujeito, como de complemento, com reflexos inevitáveis nos possessivos e no paradigma das flexões número-pessoas do verbo”.

Devido à preferência do uso do “você” e do “a gente” como pronomes pessoais no Brasil, bem como a redução do uso do “tu” e do “vós”, a 3ª pessoa verbal tende a se generalizar:

[...] temos hoje em convivência, no Brasil, um paradigma verbal de quatro posições (*eu falo; ele, você, a gente fala; nós falamos; eles, vocês falam*); outro de três posições (*eu falo; ele, você, e gente fala; eles falam*); outro de duas posições, dos menos escolarizados ou não- escolarizados, sobretudo de áreas rurais, mas não só, que não aplicam a regra de concordância verbo-nominal (*eu falo; ele, você, a gente, eles, vocês fala*). (SILVA, 2004, p.144).

Outro aspecto diferenciador quanto ao português europeu, é a preferência do brasileiro pela próclise em detrimento da ênclise, sobretudo no início da sentença “(*Lhe disse que não viesse; Me passe esse livro*)” (SILVA, 2004 p. 145), procedimento este estigmatizado pela norma padrão.

Tais divergências permitem perceber, de modo geral, que a gramática brasileira é dotada de particularidades resultantes de fatores próprios à história do país, os quais configuram o português brasileiro como uma modalidade distinta do português falado em Portugal.

1.2.3 Distinções lexicais

Por ser o léxico a parte mais sensível às condições sociais, históricas e culturais de uma nação, este constitui um dos aspectos mais evidente da diferenciação entre as duas modalidades da língua portuguesa.

Considerando a formação histórica de nosso país, no tocante à participação de diferentes povos aqui instalados, percebe-se um conjunto lexical que, embora tenha vocabulário comum e constante em relação ao português europeu, é dotado de elementos lexicais peculiares e diversos.

Essa variedade deve-se a uma série de fatores pertencentes ao contexto histórico de nosso país. A participação das línguas indígenas, africanas, e dos emigrantes que se fixaram em algumas regiões do país, além da presença dos estrangeirismos, constituem os principais aspectos em termos de distinções lexicais.

Com efeito, a respeito da participação das línguas africanas na configuração do português brasileiro, Castro (2012, p.37) considera que:

Se as vozes dos quatro milhões de africanos trazidos para o Brasil ao longo de mais de três séculos não fossem abafadas na nossa história, hoje saberíamos que eles, apesar de escravizados, não ficaram mudos. Participaram da configuração do português brasileiro e são responsáveis pelas diferenças que afastaram o português do Brasil do de Portugal.

As palavras africanas incorporadas pelo português brasileiro pertencem a vários segmentos culturais compartilhados por toda a sociedade, entre eles elementos ligados à religiosidade, à recreação, às doenças, à flora, à fauna, às vestes, às partes do corpo humano, às relações pessoais, ao comércio, à alimentação. Dentre estes elementos, classificados como

aportes antigos, encontram-se as palavras integradas ao idioma na época da escravidão, algumas porém em desuso.

Além destes, há os elementos que encontram-se em fase de integração ao português falado correntemente, proveniente da língua de santo devido ao interesse do público pelos candomblés, bem como o acesso a cursos práticos de línguas africanas, sobretudo o iorubá, língua de prestígio¹.

1.2.3.1 Translação semântica

Em relação ao estoque lexical incorporado ao português brasileiro, é importante considerar em quais circunstâncias as palavras africanas foram aqui integradas.

Convém perceber que devido ao tráfico, os africanos foram submetidos a rupturas de diversas ordens, dentre elas a ruptura linguística. Os escravos foram submetidos ao corte de relação com suas línguas de origem e ao confronto com outras línguas inabituais, entre as quais línguas africanas de outras regiões, as línguas indígenas, além da própria língua portuguesa. O inevitável rompimento semântico foi o mais evidente, e quanto a isso, Bonvini (2005, p.33) destaca que:

Para os africanos deslocados, o sentido das palavras tornou-se brutalmente obsoleto ou passou a “girar em falso” porque elas não refletiam mais a realidade africana, mas ao mesmo tempo não tinham apoio na nova realidade, constituída de noções diferentes e de denominações novas (plantas, farmacopeia, caça, animais, novas técnicas e novos produtos de consumo).

Diante da nova realidade aqui encontrada, é natural que algumas palavras incorporadas ao português tenham passado por um processo de configuração semântica condizente com o contexto brasileiro. Com efeito, Castro (2001, p.105) aborda alguns conceitos referentes à integração vocabular decorrente do contato entre duas línguas distintas, a partir do *Dictionnaire de Linguistique* (1978):

1. APORTE (Fr. “emprunt”)

Há aporte linguístico quando um falar A (aqui, o português) utiliza e termina por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia antes num falar B (aqui, cada língua africana em questão) e que A não possuía.

¹ O iorubá goza de prestígio em relação às demais línguas africanas devido ao fato de ser considerada genericamente como a língua sagrada das religiões afro-brasileiras, à abordagem metodológica das pesquisas da área nas quais procede-se à observação de terreiros predominantemente iorubás, além do prestígio da escrita e do ensino da língua em cursos práticos.

As palavras aportadas são as que, mesmo diante da nova realidade, conseguiram resistir às rupturas semânticas em consequência do tráfico e que mantiveram o sentido africano em proporções integrais ou parciais, por exemplo: *candomblé*, *caçula*.

2. DECALQUE (Fr. “calque”)

Há decalque linguístico quando, para denominar uma noção ou um objeto novo, uma língua A (aqui, o português) traduz uma palavra simples ou composta pertencente a uma língua B (aqui, as línguas africanas).

O processo de “decalque” linguístico ou “aporte” por tradução ocorreu quando o sentido africano de partida chegou ao Brasil, porém sem o vocábulo que lhe servia de suporte, sendo necessário, portanto, a tradução por uma palavra brasileira.

Os itens de base africana *bozó* e *ebó* foram decalcados ou traduzidos pela palavra *despacho*, de formação brasileira, a partir do sentido de envio ou oferenda destinada às divindades. Caso semelhante ocorreu com os termos *terreiro* e *santo*, os quais foram traduzidos para o português a partir dos respectivos vocábulos africanos *ilê*, local onde se celebram os cultos afro-brasileiros, e *inquice*, *orixá* ou *vodum*, nomes genéricos dados às divindades africanas.

Há ainda, conforme Castro (2001, p. 106), outro tipo de categoria a qual pertencem os “híbridos”. Nesse processo, “encontra-se todo tipo de derivação, seja nominal, adjetival, verbal ou adverbial, a que se submetem os itens africanos, cujos radicais [...] podem ser enlanguescidos com morfemas de número /-s/ e de gênero /-o, -a/ ou, ainda, com sufixos e prefixos existentes em português”.

Os híbridos simples de língua portuguesa formaram-se a partir da derivação, por meio da qual as palavras foram constituídas por um termo africano somado a um sufixo de base portuguesa, *samba* + *ista-* *sambista*, ou por um prefixo de base portuguesa agregado a um constituinte africano, *es+* *molamba-* *esmolamba*.

Os híbridos compostos, por sua vez, foram formados por mais de um radical. São comuns os seguintes casos: constituinte africano + constituinte português, *Oxum-menina*, ou constituinte português + constituinte africano, *azeite-de-dendê*, *escola-de-samba*. Devido às importações vocabulares do inglês no Brasil, nota-se também a formação híbrida de um nome africano + nome inglês como no caso do vocábulo *axé-music*. O termo africano *axé*, a princípio restrito ao contexto litúrgico, vem sendo popularizado e juntamente com termo inglês *music*, passou a denominar um estilo musical recriado na Bahia divulgado pelo mercado fonográfico.

Considerando os casos de aporte, decalque e híbridos, observa-se que houve no Brasil não apenas uma integração de vocábulos africanos, mas uma inovação no sentido de alguns termos, face à nova realidade.

É notória, portanto, a contribuição dos povos africanos para a formação cultural do povo brasileiro. No entanto, apesar do reconhecimento quanto à participação das línguas negras na configuração do português brasileiro, há ainda certa resistência ao trato científico destas no meio acadêmico, devido à carência de documentos que comprovem e atestem dados linguísticos referentes à época da escravidão, reforçado pelo prestígio que a cultura ocidental atribui à escrita em detrimento da oralidade, principal característica das línguas africanas.

2 O PRESTÍGIO DA ESCRITA EM DETRIMENTO DA ORALIDADE

Na cultura ocidental vigora um privilégio atribuído ao ato da leitura e da escrita diante da não menos relevante arte do falar e do ouvir. Consequentemente, os povos que detêm o domínio da escrita são considerados como portadores de uma cultura superior, ao passo que os grupos conhecedores de uma tradição baseada na oralidade são vistos como dotados de uma inferioridade cultural.

As línguas africanas, fundamentadas na tradição oral em que foram transmitidas, são normalmente reduzidas à condição de dialetos, a partir do princípio de não admitir que línguas dessa natureza pudessem interferir numa língua literariamente prestigiada.

O fato de a língua iorubá ter tido a vantagem da escrita antes das demais línguas africanas, além da oferta de cursos práticos por institutos de estudos africanos, permitiu o entendimento genérico de que esta é a língua africana de maior influência ao longo do contato com a língua portuguesa. No equívoco desse argumento desconsidera-se a proeminência das línguas do grupo banto, em razão de seu contato mais antigo e superioridade numérica de seus falantes.

Apesar do estereótipo idealizador que generaliza e reduz a pluralidade étnica do continente africano à cultura iorubá, bem como a resistência com que as línguas africanas são tratadas no meio científico, estudos avançam na tentativa de conferir a real importância destas na configuração de uma língua autenticamente brasileira. Exemplo disto é a classificação dos níveis socioculturais de linguagem, proposta por Castro (2001), na qual são verificados os contextos orais presentes na linguagem ritualística, na fala descontraída e espontânea ou até mesmo na linguagem prestigiada, em que os aportes lexicais africanos avançam para o registro inclusive escrito, do contexto geral do português do Brasil.

2.1 O prestígio atribuído ao iorubá

A raridade de documentos e provas baseadas em dados historicamente atestados contribui para a falta de rigor científico com que são tratados os dados linguísticos de aporte africano, em relação aos temas sócio-históricos e antropológicos.

Tal tratamento deve-se, antes de tudo, ao fato de que as línguas africanas, muito antes de serem dicionarizadas, eram preservadas nos terreiros através de uma religiosidade transmitida oralmente.

Dada a tradição oral na qual as línguas africanas se fundamentam, somada ao prestígio que a cultura ocidental atribui à escrita, observa-se que há ainda nos meios acadêmicos certa resistência ou até mesmo certa negação da legitimidade das línguas negro-africanas, ao analisar a influência destas na constituição do português falado no Brasil:

[...] aí se encontra a postura acadêmica de resistir à hipótese de que essas influências mútuas tenham contribuído para configurar o perfil do português brasileiro, a partir do princípio tácito de não admitir que línguas de tradição oral pudessem influir em uma língua de reconhecido prestígio literário como a portuguesa. (CASTRO 2001, p. 69).

Conforme esta postura notadamente preconceituosa e consequente de uma ótica eurocêntrica, muitas vezes as línguas africanas são reduzidas à condição de dialetos. Junta-se a isso o fato de normalmente se considerar o nagô (iorubá) a língua sagrada das religiões afro-brasileiras, atribuindo aos sudaneses uma superioridade cultural em relação aos bantos.

A valorização do iorubá deve-se a fatores de diversas ordens. O fato de as pesquisas se concentrarem na observação dos mesmos contextos, ou seja, terreiros localizados na cidade de Salvador já estudados em pesquisas anteriores, gera certa continuidade na interpretação do iorubá como língua de uma cultura maior, numa época em que os mesmos predominavam numericamente.

Conforme Castro (2001), nessa época em que as pesquisas voltadas para os estudos africanos se concentraram em localidades de maioria numérica iorubafone, o iorubá já gozava de prestígio da escrita e chegava a ser ensinado a negros baianos por outros negros que aprenderam a ler e escrever em escolas missionárias.

A metodologia adotada nos estudos negro-africanos, a qual desenvolveu a tendência de privilegiar a cultura sudanesa atribui uma inferioridade aos povos de cultura banta. Além disso,

[...] como a cidade de Salvador também é tratada pelo seu antigo nome de Bahia, não foi difícil estender a influência ioruba a todo o Estado, da mesma maneira que o termo *nagô* passou a ser genericamente usado como sinônimo de africano ou de qualquer língua africana na Bahia. (CASTRO 2001, p. 54).

Tal concepção considera que o iorubá seria a língua africana predominante entre os negros da cidade de Salvador, embora se saiba da existência de africanos de outras etnias com seus falares maternos, a exemplo, inclusive, do quimbundo, a partir do qual o Padre Pedro Dias elaborou a *Arte da Língua Angola*, gramática destinada aos Jesuítas, publicada em 1697 na cidade de Lisboa.

O prestígio atribuído ao iorubá em detrimento das línguas de base banta é geralmente veiculado tanto em pesquisas científicas quanto em Livros Didáticos que reservam um espaço para a temática das línguas africanas, e até mesmo em outros veículos de análise científica.

Yeda Pessoa de Castro, em sua obra intitulada *Falares Africanos na Bahia, um vocabulário Afro- Brasileiro*, enfatiza o episódio ocorrido no filme *Quilombo* de Cacá Diegues, produzido nos anos 80, o qual retratou a vida no Quilombo de Palmares.

No filme é atribuída uma origem sudanesa a Palmares e a língua ali falada é reconhecida como iorubá, mesmo diante do fato de não haver ainda registros que apontassem para a presença de falantes de tal língua no Brasil.

A autora destaca a tentativa da Fundação Cultural De Palmares de corrigir o equívoco. No entanto, ressalta que:

Dessa vez, na tentativa de provar a tese correta de que Palmares teria sido de base banto, incorre-se no exagero contrário, ou seja, de mostrar Zumbi e seus seguidores falando um linguajar caricato, carregado de termos, inclusive em português, com um prefixo “zi-“ (Cf. “zifio”, “zirirmão”), inspirado no falar dos *preto-velhos*, entidades muito populares nas umbandas. (CASTRO 2001, p. 66).

O continente africano, se interpretado conforme a ótica que privilegia a cultura iorubá, é concebido como um continente singular e homogêneo, desconsiderado em sua pluralidade étnica, linguística e cultural, a qual foi estendida ao Brasil, contribuindo diretamente para a formação da identidade nacional. Essa pluralidade linguística é atestada no longo contato ocorrido entre o português e as cerca de 300 línguas africanas chegadas ao Brasil. Dada essa variedade, embora os estudos afirmem a inexistência da efetiva prática de uma língua africana, verifica-se a proeminência das línguas do conjunto banto no sistema linguístico brasileiro por seu contato mais prolongado e superioridade numérica de seus falantes.

2.2 A linguagem dos quilombos

A falta de documentação reveladora de traços linguísticos que remontam à época da escravidão no Brasil dificulta a sistematização mais profunda dos trabalhos acerca das línguas africanas faladas no passado.

Considera-se que entre 1560 e 1850, cerca de três a cinco milhões de negros aportaram no Brasil, conseqüentemente, falantes à volta de 200/300 línguas puseram os seus

falares maternos em contato direto com o português, conforme Bonvivi e Petter (1988 *apud* SILVA, 2004, p.96).

No que diz respeito à formação dos quilombos, sabe-se que essa organização social era composta por diversos mocambos semiautônomos de base estatal rudimentar. Em termos de estruturação, os quilombos eram agrupamentos sociais mais ou menos isolados para sobreviver, formados por ex-escravos aliados a índios e brancos pobres, criadores de economia própria e politicamente estruturados.

Em relação à linguagem, pode-se presumir que, dada a situação social na qual se formaram os quilombos, encontrar-se-iam falares correntes de base africana, indígena, português africanizado, português indígena e até português europeu, uma vez que acolhiam fugitivos.

Uma das questões que giram em torno da linguagem lá praticada é justamente se os africanos “falavam em alguma língua africana específica, em uma língua geral africana formada no Brasil ou, até mesmo, em um português africanizado” (BAGUET 1997 *apud* CARBONI, 2012, p.23).

Para Carboni (2012, p.26), “é crível que a população da confederação dos quilombos de Palmares praticasse diversos dialetos próximos e, eventualmente, sobretudo os dirigentes, uma espécie de *coiné* ou língua franca [...]”.

Entende-se por língua franca ou de intercurso prático, aquela que passa por um processo de supressão das dificuldades para o estrangeiro. Já o termo *coiné* refere-se ao “resultado da eliminação de traços próprios a línguas a dialetos afins e sua substituição por outros traços pertencentes a uma das línguas em contato ou até mesmo a uma outra língua, de maior prestígio” (CARBONI 2012, p.18).

Embora se considere que a linguagem Palmarina tenha sido elaborada com base em diversos falares próximos e que tenha sido praticada uma espécie de língua franca ou *coiné*, há evidências de que essa língua franca possuía base sintática e lexical banto, a deduzir por elementos linguísticos encontrados em sua antroponímia (Ganga Zumba², Zumbi³, Dandara⁴) e também em sua toponímia (Osengo⁵, Macaco⁶, Andalaquituxe⁷).

² Líder da República de Palmares [...], (CASTRO, 2001 p.240).

³ Líder da República de Palmares, sucessor de Gangazumba.

⁴ Guerreira negra do período colonial, esposa de Zumbi.

⁵ Aldeamento da República de Palmares

2.3 Níveis socioculturais de linguagem

A obra *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, escrita por Yeda Pessoa de Castro (2001), constitui um dos mais sistemáticos e significativos registros de léxico de origem africana no português do Brasil. A partir dos contextos sociolinguísticos baianos verificados em sua pesquisa, a autora estabelece cinco níveis de linguagem centrados na integração dos aportes lexicais africanos:

Nível 1 ou LS- a linguagem religiosa dos Candomblés ou língua-de-santo;

Nível 2 ou PS- a linguagem de comunicação usual do povo-de-santo;

Nível 3 ou LP- a linguagem popular da Bahia;

Nível 4 ou BA- a linguagem cuidadosa e de uso corrente, familiar na Bahia;

Nível 5 ou BR- o português do Brasil em geral.

2.3.1 N1 ou língua-de-Santo

A religião predominantemente praticada na Bahia, o Candomblé, consiste, assim como as demais religiões afro-brasileiras, num conjunto de crenças, modo de adoração e língua. A linguagem utilizada em tais práticas religiosas corresponde a um sistema lexical de base africana que classifica o Candomblé em “nações”- jeje-mina, nagô-queto, congo-angola- diferenciadas entre si de acordo com o repertório linguístico ou língua-de-santo praticada no contexto específico de cada terreiro.

Acredita-se que a língua-de-santo corresponde ao idioma nativo da divindade cultuada nas cerimônias litúrgicas, quais sejam: *vodum* em jeje- mina, *orixá* em nagô- queto e *inquice* em congo-angola.

Segundo Castro (2001, p.80-83), a língua utilizada neste contexto “deve ser entendida mais como um veículo de expressão simbólica do que propriamente de competência linguística”, ou seja, língua, neste contexto, corresponde a um conjunto de expressões indicadoras de cânticos, saudações, crenças, costumes, cerimônias, e demais aspectos ritualísticos específicos de cada organização, as quais são preservadas conforme a fidelidade ritual, embora seus falantes não tenham noção de sua significação. “Para os fiéis, o que mais

⁶ A capital de Palmares.

⁷ Aldeamento da República de Palmares

importa, durante as práticas rituais, é demonstrar a sua competência simbólica, ou seja, saber, por exemplo, em que momento deve ser entoada uma cantiga e não o significado literal da cantiga [...]”.

A competência essencialmente simbólica, na qual se ignora o sentido denotativo das expressões linguísticas utilizadas, promove um conhecimento que determina o grau de hierarquia em cada grupo ou classe sacerdotal. A linguagem assim entendida, como meio de contatar as divindades e de preservar a identidade de cada grupo, não foi suscetível à modificação, uma vez que o grupo pretende manter a compreensão de sua realidade de origem.

Embora se considere a especificidade do repertório linguístico diferenciador de cada nação, há casos especiais de *xenoglossia*– “forma de verbalização, sob transe e possessão, que se mostra estranha àquelas tradicionalmente conhecidas pela comunidade em redor [...]” (CASTRO, 2001, p.88), - comuns entre os iniciados das sociedades religiosas. “Na Bahia, observa-se que os iniciados “falam a língua de outra nação”, ou seja, utilizam um repertório linguístico que não é habitualmente empregado no cerimonial do seu grupo sócio- religioso”.

Dentre estes casos, os mais comuns entre os candomblés referem-se a manifestações de entidades chamadas genericamente de *erês*, *pretos-velhos*, *caboclos e santos*.

2.3.2 N2 ou linguagem do povo-de-santo

As práticas cerimoniais nos terreiros de Candomblés são determinadas conforme as “nações” as quais pertencem, segundo um padrão atribuído à liturgia de origem de cada divindade padroeira. De acordo com cada nação, os terreiros se distinguem tanto em relação às práticas ritualísticas quanto ao repertório linguístico adotado.

Para Castro (2001, p.100), “a linguagem de comunicação usual do povo-de-santo é o falar de um grupo inclusivo que estabelece larga e sistematicamente a diferenciação das variedades linguísticas de seu repertório em diversas situações”.

Diante desse contexto, a linguagem adotada pelo povo-de-santo torna-se diferenciada e dotada de particularidades, uma vez que emprega-se uma língua-de-santo específica, resultante de uma fidelidade linguística. Em termos linguísticos, a identidade etno-religiosa assim formada pretende afirmar a língua própria de cada nação.

2.3.3 N3 ou linguagem popular da Bahia

A linguagem popular da Bahia corresponde ao meio comum de comunicação utilizado pelas camadas sociais de baixa renda, constituídas em sua maioria por negros, analfabetos e pelo povo-de-santo. Nota-se, porém, cada vez mais, o uso no falar descontraído e espontâneo das camadas mais privilegiadas e instruídas, dado o crescente interesse pelas religiões afro-brasileiras. Nesse contexto múltiplo de contatos socioculturais e econômicos, há o avanço da incorporação dos aportes africanos na linguagem das camadas de maior prestígio social.

Através da atuação da mídia, com a popularização das letras de músicas compostas por termos retirados da língua-de-santo, bem como através da divulgação por meio de programas de televisão, os aportes lexicais de base africana correspondentes aos níveis 1 e 2 de linguagem podem ser apropriados pelo português do Brasil em geral.

2.3.4 N4 ou português regional da Bahia

O português regional da Bahia diz respeito ao falar das pessoas pertencentes às camadas socialmente prestigiadas. Além deste, existe também o falar dos seguidores dos candomblés, seja pelo ingresso de novos adeptos entre os quais encontram-se artistas, políticos e intelectuais, ou até mesmo pela mobilidade do próprio povo-de-santo.

Assim como a linguagem popular, o português regional da Bahia é cada vez mais divulgado pela mídia, o que favorece sua popularização. Observa-se nesse nível o prestígio atribuído ao iorubá devido à divulgação dos terreiros-de-queto da cidade de Salvador, através de pesquisas, intercâmbio e revalorização da tradição litúrgica.

2.3.5 N5 ou português do Brasil

Segundo Castro (2001, p.124), o português do Brasil ou nível 5 de linguagem “ é uma unidade formada pelo complexo dos seus falares regionais”. Nesse sentido, compreende-se que o nível 5, linguagem usual e comum aos falantes brasileiros, recebe interferência dos demais níveis socioculturais, resultando num processo de configuração da língua brasileira através da integração das importações africanas.

É um conceito desdobrado em vários níveis de acordo com as ocasiões, as regiões e as classes sociais que o pratica, onde os aportes africanos estão mais ou menos integrados ao sistema linguístico brasileiro conforme os níveis sociolinguísticos.

O nível 3, correspondente à linguagem popular da Bahia, da qual fazem parte os falares das camadas de baixa renda e o falar espontâneo e familiar de camadas socialmente prestigiadas, está na base da interação entre os demais níveis. Os termos pertencentes à língua-de-santo, embora mais restritos e específicos do contexto sagrado, constituem atualmente a fonte dos aportes lexicais africanos no português geral do Brasil, divulgados principalmente pela música popular brasileira, permitindo assim uma apropriação pelo nível 5 de linguagem.

Sendo o nível 5 formado pelo conjunto de falares da sociedade como um todo, dele se ocupa o presente trabalho, dado o caráter mais amplo em relação aos demais níveis socioculturais. Aqui encontra-se a complexidade dos contextos regionais, desde o mais restrito até o mais geral, onde observa-se a presença de elementos africanos em diferentes situações de uso.

3 A RELAÇÃO ENTRE AS LÍNGUAS AFRICANAS E O PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL: influência, semicrioulização, crioulização, ou pidginização?

A respeito da interpretação do português falado no Brasil, tem-se travado um logo debate no passado, que se instala também no presente. A discussão gira em torno da terminologia atribuída à relação ocorrida entre as línguas africanas e o português: se suas características se devem a um resultado de “influência”, de origem “crioula” ou “semicrioula” ou ainda a um processo de pidginização inclinado para um ideal de deriva natural da língua portuguesa. Tais denominações são em determinados momentos afirmadas, em seguida negadas e até retomadas por diversos estudiosos em diferentes épocas.

Apesar da falta de consenso sobre o termo denominador do contato ocorrido entre as línguas, é inegável a atuação das línguas africanas, sobretudo na configuração do sistema lexical brasileiro, a partir de elementos culturais presentes em diferentes âmbitos da sociedade.

3.1 Breve esboço da procedência e distribuição dos africanos no Brasil

Estima-se que os escravos africanos foram introduzidos oficialmente no Brasil a partir de 1549, embora já solicitados em 1539 pelo donatário da capitania pernambucana, prolongando-se esta prática até o século XIX.

As áreas de procedência dos negros aqui instalados são bastante variadas. Quanto a isso, Silva (2004 p.96) sintetiza a definição de Kátia Mattoso (1990), dos seguintes ciclos:

[...] no século XVI, o ciclo da Guiné, da África ao norte do Equador que traz para o Brasil “Wolofs, mandingas, sonrais, mossis, houssás e peuls”, genericamente chamados de sudaneses; o ciclo do Congo- Angola, com os bantos da África Equatorial e Central; o terceiro ciclo, no século XVIII, novamente com predominância sudanesa e que se desdobra, a partir do século XVIII, no que designa Kátia Mattoso de ciclo propriamente baiano, o da baía de Benin, também com predomínio sudanês; e, no século XIX, ultrapassando 1830, já como tráfico ilegal, os escravos seriam um pouco de toda parte, com predominância de Angola e Moçambique, área banto.

Percebe-se, diante de tais dados, quão variada foi a proveniência dos escravos que aqui aportaram. Tão variada quanto a origem foi a distribuição dos negros, os quais dispersaram-se pelas diversas áreas de concentração econômica como um procedimento político adotado pela metrópole a fim de evitar a aglomeração étnico-linguística.

Em relação à distribuição geográfica, Mendonça (1973, p.39) traça um breve histórico da ocupação negra no Brasil: considera Pernambuco e Bahia os primeiros centros de condensação africana, dada a resistência e capacidade laboral do negro na lavoura da cana-de-açúcar. Conforme o desenvolvimento de exploração das minas na economia brasileira, o Rio de Janeiro apresenta-se como novo polo de uso da mão-de-obra escrava, chegando a funcionar como verdadeiro porto comercial. Já no século XIX, diante do cultivo da lavoura cafeeira, os escravos são direcionados para, além do Rio, os estados de São Paulo e Minas Gerais. Também os estados do Pará e Maranhão funcionaram como centros de mão-de-obra escrava.

3.2 As línguas africanas no Brasil

Ao lado da variada origem e larga distribuição dos africanos, concorre a questão das línguas africanas no Brasil. Considera-se que cerca de 200 a 300 línguas chegaram ao país, as quais, segundo Emílio Bonvini e Margarida Petter (*apud* SILVA 2004, p.96), são repartidas em duas grandes áreas de proveniência:

- A. A área oeste-africana, caracterizada pelo maior número de línguas, tipologicamente diversificadas: '(i) oeste atlântico'(fulfuldé, wolof, serei, temre...); (ii)'mande' (mandinga, principalmente); (iii) 'kwa' ou 'ghe' (ewe, gen, oj'á, fous, designadas como jeje no Brasil; (iv) benuê-congo, principalmente falares yurubá, designados no Brasil por nagô-ketu, nupe, igbó, ijó; (v) 'thadico'(haussá) e (vi) 'nilo saharaná (kanuri).
- B. A área banto, limitada à costa oeste africana (atuais Congo, Zaire e Angola), só mais tarde à costa leste (Moçambique). Essa área, diferente da anterior, apresenta-se tipologicamente homogênea, teria sido a da maioria dos escravos, distinguindo-se os autores: o Kicongo (H10), do antigo reino do Congo; o Kimbundu (H20), da região central da Angola, antigo reino Ndongo e o umbundo (R10), da região de Benguela em Angola.

Devido à homogeneidade linguística, bem como à prática pelo maior número de falantes no Brasil (estimados em cerca de 75%), de acordo com Castro (2008, p.33), as línguas do grupo banto, principalmente o Quimbundo, exerceram um papel mais efetivo na configuração do português brasileiro. Tal afirmação constata-se pela aproximação dos sistemas linguísticos bantos e do português arcaico⁸, a qual resultou numa integração morfológica e lexical de palavras de origem banto.

⁸ Para Castro (2013 p.8), há uma "proximidade relativa da estrutura linguística do português europeu antigo e regional com as línguas negro-africanas que o mestiçaram. Entre essas semelhanças, o sistema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o ê, u) e a estrutura silábica ideal (CV. CV) (consoante vogal. consoante vogal), em que se observa a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona".

Ainda considerando a distribuição bastante variada dos negros, afirmam alguns estudiosos que não houve a prática efetiva de uma língua africana no Brasil. Entretanto, há a evidência de alguns documentos comprobatórios da presença de línguas africanas no contexto linguístico da escravidão. No final do século XVII a escrita do documento intitulado *Arte da língua de Angola*, do Sacerdote Jesuíta Pedro Dias. Trata-se da primeira descrição gramatical de uma língua banto, o quimbundo, falado no Brasil. “Os exemplos da gramática de Dias mostram claramente que se trata de uma língua em sua integralidade, próxima da que é atualmente falada em Angola” (BONVINI 2009, p.38).

O segundo documento data do século XVIII, redigido por Antônio da Costa Peixoto, aborda da língua veicular “mina”, falada em Minas Gerais. “Trata-se de um manual destinado aos senhores de escravos, e hinda os que não tem” (BONVINI 2009, p.39). Em geral, a obra consiste numa tradução da língua geral mina para o português. Também no século XIX admite-se que se falariam algumas línguas gerais de base africanas, “sobretudo o iorubá, na cidade de Salvador” (SILVA 2004, p.97).

Em relação às línguas africanas chegadas com o tráfico, cumpre agora tratar da relação e do papel que elas desempenharam na formação do português do Brasil, considerando posturas diversas acerca do debate.

3.3 Algumas posturas acerca da relação “línguas africanas- língua portuguesa” no Brasil

Em se tratando do contato entre as línguas africanas e o português brasileiro, tem-se travado historicamente um longo debate acerca da relação entre elas, no que diz respeito a termos de influência, criouliização, semicriouliização ou *pidgin*, dentre outras terminologias.

Quanto a isso, Bonvini (2009) traça o perfil dos estudos africanos voltados para a discussão: inicialmente dispõe sobre as obras de Mendonça e Jacques Raimundo. Ambas publicadas em 1933, atribuem às características verificadas no português do Brasil um resultado de influência das línguas negras, especialmente por parte do quimbundo e do iorubá.

Diferentemente de tais posições, Silva Neto (1950 *apud* BONVINI, 2009, p. 18) desqualifica a questão das influências e propõe a hipótese da criouliização e da semicriouliização. Crioulo, segundo essa concepção, trata-se “apenas de uma deformação e uma simplificação do português” praticada pelos negros a partir de sua chegada ao Brasil, depois desaparecida ante a mobilidade social do mestiço que adotara o português padrão.

Em outra perspectiva de abordagem, Melo (1946 *apud* BONVINI, 2009, p. 18) atribui às línguas africanas um aspecto acelerador das tendências latentes da língua portuguesa, inclinado assim, para uma tendência de deriva natural neutraliza a hipótese de crioulização.

Já Sílvio Elia (1979 *apud* BONVINI 2011, p. 18) considera que houve apenas semicrioulos no Brasil, afirmando que “como o português não integrou traços das línguas africanas, não sofreu influências delas, a situação de contato não produziu fusão de cultura, que seria ligada aos crioulos, ela simplesmente provocou a assimilação de uma cultura por outra, o que estaria ligado aos semicrioulos”.

Segundo Bonvini (2009), a hipótese de influência é então retomada por Castro (1976,1980). A autora fala de uma mistura bem resolvida e defende que, a partir do contato com as línguas africanas, houve no Brasil uma africanização do “português de Camões, numa verdadeira antropofagia linguística” (CASTRO, 2008, p.33). Atribui uma aglutinação entre as línguas africanas e o português brasileiro, na qual a influência daquelas nos traços linguísticos deste seria inevitável.

Porém, numa posição contrária à da influência, Silva (2004, p.96) argumenta sobre a necessidade de superar esta hipótese para a compreensão do português brasileiro, uma vez que termo “influência” “envolve uma perspectiva de natureza superficial, tópica, embora significativa e curiosa, mas de caráter aleatório”. O autor propõe uma explicação com base em fatores sócio-históricos, para os quais os africanos, tendo adotado o português como segunda língua, teriam reestruturado o português europeu.

Bonvini (2009) aborda ainda estudos realizados por Guy (1981,1989), Holm (1987) e Baxter (1987, 1988), que repropõem os conceitos de crioulização e semicrioulização do português brasileiro. Baseado em dados morfossintáticos, Guy afirma que ocorreu no Brasil um processo crioulizante no passado, que deixou marcas no presente. Holm, em seu estudo, compara o português falado pela camada menos prestigiada com crioulos e línguas africanas, no qual atesta algumas semelhanças. Baxter, na mesma perspectiva, defende a noção de crioulização partindo da comparação de resultados morfossintáticos encontrados a partir de pesquisas em comunidades afro-brasileiras de descendentes de escravos perto de Helvécia-BA⁹.

⁹ Distrito localizado no município de Nova Viçosa, sul da Bahia.

Contestando tais concepções, Naro e Scherre (1993 *apud* BONVINI, 2009, p.19) abordam a questão dos pidgins. Segundo eles, os *pidgins* são formados “a partir de uma simplificação pelos falantes adultos da língua de base, com vistas a facilitar a comunicação com os falantes não nativos”. Dessa forma, o *pidgin* português formado na Europa teria sido ensinado aos falantes de línguas africanas. O português do Brasil, diante de tal perspectiva, teria sofrido influência da pidginização em seu desenvolvimento, mas seria sobretudo resultado da deriva secular da língua de Portugal como processo mais significativo na configuração da língua brasileira.

Bonvini (2009, p.102) também se posiciona negando as concepções de influência, criouliização e semicriouliização das línguas africanas. Destaca que a presença de vocábulos africanos no português falado no Brasil,

[...] trata-se simplesmente de um fenômeno de “empréstimo linguístico” feito pelo português, completamente normal em si, provocado por uma situação de contato de línguas e para a qual é utilização de conceitos como “influência”, “criouliização” ou ainda “semicriouliização” parece inapropriado.

Diante de tais considerações, verifica-se que o posicionamento dos estudiosos acerca do papel exercido pelas línguas africanas na formação do português aqui falado não é consensual. É consenso, porém, que a presença das línguas negras no Brasil transformaram e deram uma nova configuração ao português metropolitano, resultando numa língua dotada de elementos particulares e diferenciados.

3.4 Inventário de palavras africanas incorporadas pelo português do Brasil

O presente inventário de palavras africanas incorporadas ao português do Brasil consiste em verificar a integração de palavras de origem africana compartilhadas pela sociedade brasileira como um todo, as quais estão presentes em diversos segmentos culturais: religiosidade, culinária, instrumentos musicais, vestuário relações familiares.

Para a compilação deste inventário, foram selecionadas as obras *Falares Africanos na Bahia, Um Vocabulário Afro- Brasileiro*, de Yeda Pessoa de Castro (2001), e o *Novo Dicionário Banto do Brasil*, escrito por Nei Lopes (2006).

À propósito dos estudos realizados acerca da etimologia dos vocábulos integrados no sistema linguístico brasileiro, algumas atribuições são discutíveis em razão da influência

igualmente importante das línguas indígenas. Exemplo disso é a origem do termo “mocotó”, elemento presente na culinária brasileira, ao qual é atribuído uma etimologia controversa.

Silveira Bueno, em seu dicionário Tupi-Guarani Português, indica que o vocábulo tem uma origem tupi: “**Mocotó**- s. Mão desarticulada (de boi, vaca); geléia que dessas patas se faz. De **mbo-** **cotó**”. No equívoco dessa definição, ocorre inclusive um caso de anacronia, visto que, conforme Castro (2001, p. 70), “os indígenas brasileiros desconheciam o gado bovino”. Concorrendo com tal equívoco, percebe-se que Schneider (1991 *apud* CASTRO, 2001, p. 59) apesar de ter vivido em região predominantemente banto, atribuiu erroneamente à palavra uma origem iorubá, provavelmente influenciado pela noção de prestígio que é conferida a esta. No entanto, é consenso entre os estudos mais recentes, que o termo pertence à etimologia banto:

MOCOTÓ (banto)1. (°BR)-s. m. tornozelo, pernas grossas. Ver **mondongo**. Kik/Kimb. (ma) Kooto, pernas, patas.2. (°BR)-s. m. patas de bovinos, sem casco, usadas como iguaria do mesmo nome; mão- de- vaca. Kik. Makooto. Cf. **afó-de-boi**, **inama-de-boi**. (Castro 2001, p.285).

A autora, partindo do princípio de que o gado bovino teria sido introduzido no Brasil pela cultura banta, afirma que o vocábulo foi importado das línguas quicongo e quimbundo, a partir do étimo *makooto*. Partindo deste pressuposto, Lopes (2006, p.151), indica:

MOCOTÓ- s.m. (1) Pata de bovino usada como alimento. (2) Tornozelo [...]. Para nós, a origem é o quimbundo *mukoto*, pata de animal, mão de vaca, correspondente ao umbundo *omu-koto*, *amu- koto*, pata de boi, cabra, suíno etc. [...].

Contemplando a mesma perspectiva que Castro (2001), o autor atribui ao termo uma procedência banta, embora os étimos apontados, *mukoto*, *omu-koto* e *amu-koto*, sejam divergentes.

Semelhante tratamento recebe o elemento “moranga”. Segundo Bueno (1982), trata-se de um termo tupi, o qual equivale ao adjetivo “Belo, formoso, lindo. O mesmo que poranga”. Entretanto, conforme Castro (2001) e Lopes (2006), moranga é um étimo banto, correspondendo a uma espécie de abóbora, da qual ocorre a variante abóbora- moranga, transplantado do banto para o Brasil juntamente com outras espécies da flora, entre as quais maxixe, quiabo e dendê.

Frente a isso, “a única associação que se poderia fazer com o suposto étimo tupi “mo’rãg”, belo, é visualizar desse jeito, sua forma arredondada e em gomos” (Castro 2001, p.70).

Para reforçar a legitimidade da etimologia africana presente no sistema lexical brasileiro, passemos a analisar alguns termos pertencentes aos seguintes âmbitos culturais:

3.4.1 A religiosidade

Os africanos chegados ao Brasil provinham de diferentes povos e culturas variadas. Alguns tiveram que se desligar de suas religiões de origem tornando-se católicos, uma vez que o catolicismo era a única religião permitida na colônia.

Grande parte dos africanos e descendentes procurou resgatar as suas religiões de origem, formando grupos para a prática religiosa dos rituais e transmissão das tradições a partir da formação de “nações” correspondentes a suas etnias. Houve aqui um verdadeiro sincretismo religioso, no qual integraram-se a fé, os costumes e os rituais dos africanos, com elementos de origem indígena, aspectos culturais de outras etnias aqui instaladas, como também características dos ritos católicos, dada a predominância desta religião.

Para a constituição desse segmento foram selecionados 10 vocábulos que correspondem a cultos e cerimônias, a divindades padroeiras, a orixás e a outros elementos constituintes da tradição religiosa afro-brasileira.

CANDOMBLÉ- (banto) local de adoração e de práticas religiosas afro-brasileiras da Bahia; o culto ou o conjunto de crenças religiosas dedicadas a divindades africanas (santos); a cerimônia pública festiva; (pejorativo) cerimônia de magia negra, de feitiçaria, macumba. Var. canombé. Cf. candomblé, candombelê, canzuá, ilê-orixá. Kik./ Kimb./ Umb. Kandombele<Kulombela<lomba, rezar, invocar, pedir pela intercessão dos deuses e local onde se realiza o culto.

EXU- (kwa) 1.s.m. divindade nagô-queto, capaz de fazer tanto o bem quanto o mal, tido como mensageiro dos orixás, preside a fecundidade, as encruzilhadas, os caminhos perigosos e escuros. Antes de qualquer cerimônia, sacrifício de animais e oferendas lhe são feitas. Cada divindade dispõe de um Exu ora masculino, ora feminino, que toma nomes diferentes, mas sempre representado por figuras de barro ou em ferro. Seu ilê fica do lado de fora do barracão e está sempre cuidadosamente trancado.[...] Yor. Èsù. 2.(°BR) –s.m. espírito maligno, o diabo.

IALORIXÁ- (kwa)-s.f. sacerdotisa nagô-queto. Yor. *iyálòrìṣá*.

IEMANJÁ- (kwa)-s.f. o orixá do mar, equivalente a N. Sra. Da Conceição, do Carmo ou das Candeias.[...] Yor. *Yemanjá*.

INQUICE- (banto)-s.m. designação genérica das divindades em **congo- angola**. Cf. **orixá, vodum**. Kik./Kimb.*nkísi/Umb.ekisi*.

MACUMBA- (banto).s.f. denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras de base **congo-angola**, que incorporam orientações ameríndias, católicas e espíritas, com predominância do culto ao **caboc(l)o e preto-velho**. Prevaecem no Rio de Janeiro e, ainda hoje, nas zonas rurais. Cf. **candomblé, umbanda**. Kik./Kimb. *Makuba*, reza, invocação. 2. (°BR) –s.f. sessão e feitiçaria, de magia-negra; despacho. 3. (°BR) –s.f. denominação popular das manifestações religiosas afro-brasileiras no Rio de Janeiro e em zonas rurais de várias regiões brasileiras.

OXUM - (kwa). Orixá que comanda os rios e todas as águas doces, sem a qual a vida na terra seria impossível. Yor. \square `šun.

ORIXÁ- (kwa) s.m. designação genérico das divindades do panteon **iorubá** ou **nagô-queto**. Cf. **inquice, vodum**.[...] Yor. *òrísá*. 2. (°BR) –s.m. designação genérica das divindades africanas cultuadas no Brasil, mais conhecidas do que através dos inúmeros estudos sobre o **candomblé-queto** da cidade do Salvador.

UMBANDA- (banto) s.f. religião afro-brasileira que surgiu neste século com assimilação de elementos do espiritismo Kardecista e do catolicismo, onde seus cultos não costumam usar azeite-de-dendê para fins ritualísticos, nem catula(r) seus iniciados; (p.ext) bruxedo, magia branca [...] Kik./Kimb./Umb. (m)banda, tabu, coisa sagrada, bruxedo< bandala, invocar os espíritos, suplicar.

VODUM- (kwa)-s.m. designação genérica das divindades em jeje equivalente a inquice e orixá. Fon. *Vódun*.

São vocábulos de origem africana integrados ao sistema lexical brasileiro, comuns principalmente nos recintos das práticas sagradas das religiões afro-brasileiras. As palavras fazem parte de um repertório linguístico específico de cada “nação”. Porém, diante da adesão

cada vez mais frequente às práticas religiosas afro-brasileiras, inclusive entre as camadas de maior prestígio social, representada por artistas e intelectuais, bem como da divulgação desses elementos por meio da mídia, seja através letras de músicas ou de programas televisivos, tais vocábulos tendem a ser incorporados e apropriados pelos falantes brasileiros como uma palavra comum ao português do Brasil.

3.4.2 A culinária

A culinária representa um dos aspectos mais relevantes em termos de reconhecimento da identidade cultural de um território. No Brasil, notadamente no estado da Bahia, a culinária é composta por muitas contribuições dos povos africanos. A preparação dos alimentos durante o período colonial esteve nas mãos da mulher negra, importante agente na transformação da língua portuguesa. A partir da atuação da mulher africana, cujos serviços eram prestados na casa grande, o tempero africano foi introduzido na cozinha do “senhor”, resultando numa mistura muito bem resolvida. Quando traficados para o Brasil, os africanos trouxeram os materiais que garantiam os sabores característicos de suas comidas incrementados na cozinha brasileira, dentre eles o quiabo, a moranga, o jiló, o maxixe e especialmente o dendê.

No item culinária, foram agrupados 10 exemplos correspondentes a comidas, bebidas, petiscos, ingredientes e iguarias típicas do estado da Bahia como também de todo o território brasileiro.

ACARAJÉ- (kwa) s.m. bolo de feijão fradinho, temperado e moído com camarão seco, sal e cebola, frito em **azeite-de-dendê**; serve-se quente, com **molho-de-nagô e vatapá**. [...] Fon *àklàje*, acará vermelho, frito no dendê em lugar do óleo de amendoim e que se oferece às divindades/ Yor. *àkàrà jê*, na região **ijexá**.

BOBÓ- (kwa) l.s.m. comida feita de uma variedade de feijão, inhame ou banana da terra com camarão e aze(i)te-de-dendê.

CACHAÇA- (banto)s.f. aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel ou borras do melaço; qualquer bebida alcoólica. Var. cachaça, quixaxa. [...] Kik. (*kunua*) *kisasa*, lit. água ardente, que fermenta, excitante.

CANJICA- (banto) s.f. papa de milho verde ralado a que se junta leite de coco, açúcar, cravo e canela. Cf. **mungunzá**. Kik./ Kimb. *kanjika*.

CARURU- (banto) s.m. iguaria feita à base de **quiabo** cortado, temperado com camarões secos, dendê, cebola, pimenta, prato típico da cozinha baiana. [...] Kik./ Kimb. *kalulu/ kalalu*, prato típico À base de folhas, tipo breudo (*nlulu*) ou **quiabo**, **dendê**, camarões e peixe.

FUBÁ- (banto) s.m. farinha de milho ou arroz. Kik./Kimb. *mfuba*.

JABÁ- (kwa) s.m. carne seca, charque. Yor. *jàbàjàbà*.

MUNGUNZÁ- (banto) s.f. milho debulhado, cozido em leite-de-coco, sal e açúcar. [...]Var. **mucunzá**, **mugunzá**. Cf. canjica. Kik. *mugenza*/Kimb. *mugunzá*.

QUITUTE- (banto) s.m. petisco, iguaria de apurado sabor. Kik. (*ki*)*lute*.

VATAPÁ- (banto) s.m. prato típico na cozinha baiana, espécie de purê de farinha de mandioca ou pão de véspera, leite de coco, **azeite-de-dendê**, amendoim, gengibre e castanha de caju, ralados ou moídos, tradicionalmente feito para acompanhar o **caruru**. Kik. *Kintampa*/pl. *matampa*>*vwatampa*, papa ou vasilha de papas, geralmente milho, que acompanha o prato “yuuma” (bolos de banana amassada ou de feijão temperado com **dendê** e pimenta)/ Kimb. *kitaba*, papas. Fon *veteba*, papas (preparadas com dendê).

3.4.3 A música

Assim como a culinária, outro aspecto revelador da cultura brasileira é a musicalidade, marcada pela grande variedade de ritmos inconfundíveis, decorrentes do som de variados instrumentos musicais. Dada a importância que tais instrumentos exercem nessa modalidade, deles se ocupará esse item, para o qual foram selecionados 05 exemplos.

Os povos africanos aqui instalados deixaram um legado de instrumentos musicais que usavam em sua terra de origem, os quais foram adaptados aos materiais aqui disponíveis.

AGOGÔ- s.m. idiofone constituído por duas campânulas de ferro que se percute com um pedaço de ferro, produzindo dois sons, um de cada campânula. [...] Kik./Kimb. (*a*)ngongo/Yor. *agogô*.

BERIMBAU- (banto) s.m. arco-musical, instrumento indispensável na capoeira, constituído de um arco de madeira retesado por um fio de arame, com uma cabeça presa ao dorso da extremidade inferior e cuja caixa de percussão é a barriga. [...] Kik./Kimb./Umb. (o)*madimbaw*.

CUÍCA- (banto) s.f. instrumento feito com um pequeno barril que tem numa das bocas uma pele bem estirada e em cujo centro está presa uma pequena vara, a qual, ao ser atritada com a palma da mão, faz vibrar o tambor, produzindo ronco. [...] Kik./Kimb./Umb. *m-, o-pwita*.

TIMBAU- (banto) s.m. espécie de tambor. Cf. **Catimbó**. Kik. *tibau/zibau*.

ZABUMBA- (banto) s.m. bombo. Var. **bumbo, zambumba**. Kik. (*zu*)*nza mbuma*, tambor de madeira, muito grande e comprido.

Os instrumentos musicais de origem africana são largamente utilizados nas manifestações culturais brasileiras: na percussão das baterias das escolas-de-samba tradicionais do Rio de Janeiro e São Paulo no período carnavalesco, entre os tocadores do coco do Nordeste, nas orquestras de folguedos e maracatus-rurais, na dança da capoeira, nos cultos religiosos afro-brasileiros e em várias outras danças folclóricas em todo o território do país.

3.4.4 O vestuário

Em relação ao vestuário de procedência negra, o traje feminino das escravas foi consagrado como “traje de baiana” pelas mulheres que assim se caracterizam nos tradicionais desfiles das escolas-de-samba na chamada “ala das baianas”. Vendedoras ambulantes de iguarias e pratos típicos à base de ingredientes africanos, comuns em cidades de todo o país, também se caracterizam assim a fim de resgatar e legitimar a tradição negra. Esta é também a forma de caracterização das participantes dos cultos das religiões dos orixás, conforme Benjamin (2004, p.45.).

No entanto, o vestuário de origem africana não se restringe a tais contextos. Algumas palavras que designam vestes entraram para a nossa realidade e estão completamente integradas ao repertório linguístico comum e corriqueiro, a exemplo do vocábulo **sunga**. Conforme Nei Lopes, em entrevista concedida ao projeto “A Cor da Cultura”, há algum tempo atrás a sunga não era considerada uma veste devido ao caráter “vexatório” de uma roupa que desnuda, porém, acrescenta que já se falava no verbo sungar no sentido de levantar, encurtar, do qual procede o substantivo mencionado.

A título de exemplo foram considerados 04 vocábulos presentes no vestuário comum à sociedade brasileira.

ABADÁ- (hauçá/ kwa) s.m. túnica, casaco folgado e comprido. Var. abado. Fon *agbárá/ Yor. agbádá*.

CANGA- (banto) s.f. tecido usado como saída de praia. [...] Kik. *nkanga* < *kanga*.

SUNGA- (banto) s.f. calção de criança, calções de banho-de-mar; cuecas. [...] Cf. **tanga**. Kik. *sunga*.

TANGA- (banto) s.f. tapa-sexo, qualquer pano para tapar as partes genitais; calção de banho; parte inferior do biquíni formado por dois triângulos de tecido ou de outro material, presos por uma tiinha, e que deixa o lado do corpo e às vezes as nádegas, completamente nua. Cf. **sunga**. [...] Kik./ Kimb. *tanga*, tapa-sexo.

3.4.5 As relações familiares

Considera-se que a mulher africana, juntamente com escravo ladino, esteve na base do entrosamento cultural entre seu país e a nova realidade brasileira. Ela exerceu o importante papel de porta-voz entre a casa grande e a senzala, participando do cotidiano do colonizador. Influenciou nos hábitos alimentares, uma vez que servia de mucama, e na função de babá ou mãe-preta, exerceu influência no comportamento das crianças através do processo de socialização linguística, mesclado por componentes do seu universo emocional e cultural, introduzidos por meio de contos populares, cantigas de ninar, crenças e superstições.

Segundo Castro (2012, p.37), “o desempenho da mulher negra, ama de leite e criadeira, foi tão marcante no seio da casa senhorial que até hoje chamamos o filho mais jovem pelo termo angolano *caçula* em lugar de “benjamin”, como se diz em Portugal”. De fato, temos no léxico brasileiro a presença de termos africanos que substituíram seus equivalentes em português.

Quanto aos termos introduzidos no âmbito das relações familiares, foram selecionados 03 exemplos, a fim de justificar a contribuição da mulher africana na configuração linguística brasileira.

BABÁ (banto) s.f. tratamento que era dado às amas pretas e velhas, mas, hoje, a qualquer ama-seca, ama-de-leite. Var. **ba**. Kik./Kimb. *(ki)báaba*, a criadeira a que nina e acalma bebês com tapinhas na **bunda**.

CAÇULA (banto) s.2gen. o mais novo dos filhos ou dos irmãos.[...] Kik. *kasuka*/Kimb. *kasule*/ Umb. *okwasula*.

MUCAMA (banto) s.f. criada, escrava de estimação, que ajudava nos serviços domésticos e acompanhava sua senhora à rua, em passeios. Kik./Kimb. *mukamba*.

Percebe-se, com isso, que a presença da mulher negra no seio da casa grande inseriu termos africanos nas expressões familiares do falar corrente português. Apesar de o vocábulo “mucama” estar atualmente em desuso por ser pertencente ao contexto da escravidão, os vocábulos “babá”, e “caçula” são comumente utilizados e reconhecidos pela grande maioria dos falantes portugueses no Brasil.

A partir destes vocábulos, nota-se que as línguas africanas exerceram importante papel de influência no léxico do português do Brasil. As palavras integradas são portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade, os quais contribuíram diretamente para a formação da identidade brasileira. É inegável a atuação do negro no âmbito religioso através da magia de suas crenças, na culinária com o sabor do seu tempero, no ritmo musical trazido com toda a sua ginga, na beleza de suas indumentárias e denominação de outras vestes comuns, além da afetividade herdada das relações de carinho pelos cuidados da mulher negra no seio familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos que as línguas africanas influenciaram diretamente a composição do sistema lexical brasileiro. Os aportes estão relativamente integrados conforme os contextos sociolinguísticos em que ocorrem, seja em contexto mais restrito como o repertório litúrgico, ou em contextos mais comuns, como o falar regional baiano e o português geral do Brasil.

As palavras africanas integradas à língua portuguesa pertencem a vários segmentos culturais, entre os quais estão a **religião**, a **música**, a **culinária**, as **vestes** e ornamentos, as **relações familiares** e de carinho, a fauna, a flora, os elementos associados à época da escravidão, os termos referentes a partes do corpo humano, etc. São termos correntes no português do Brasil classificados como aportes antigos. Os aportes contemporâneos, por sua vez, correspondem aos elementos em fase de integração, provenientes em sua maioria do contexto religioso da língua-de-santo, devido ao crescimento do número de adeptos.

São palavras denominadoras de crenças, tradições e costumes da cultura africana, as quais, apesar da dispersão decorrente da política escravagista, conseguiram imprimir suas marcas face à nova realidade encontrada, razão pela qual a noção de influência parece ser mais pertinente.

No que diz respeito à ruptura de ordem semântica e dialógica à qual as línguas negras foram submetidas, percebe-se que as mesmas foram incorporadas em diversas circunstâncias, seja conservando parcial ou integralmente o sentido africano de origem, ou até mesmo traduzidas do idioma nativo preservando, porém, o sentido. De todo modo, sendo aportada, decalcada ou derivada, os vocábulos de procedência africana deram ao português do Brasil uma nova configuração.

É importante ressaltar que assim como o português do Brasil, o português europeu também conviveu, e certamente recebeu influências das línguas africanas, uma vez que algumas palavras são comuns a estas duas modalidades de língua. No entanto, é fundamental perceber que, dada a pluralidade étnica do continente africano, algumas línguas que chegaram à metrópole jamais foram introduzidas na colônia, e vice-versa. Além disso, outras línguas que vieram de lá foram submetidas aqui a diferentes contextos que possibilitaram o afastamento entre o léxico brasileiro e o léxico europeu.

Percebemos com esse estudo, que o resultado da atuação das línguas africanas constituiu uma relação de influência, dado o seu poder de transformação e de configuração da língua portuguesa em sua modalidade brasileira. Tal relação é perceptível na pronúncia, na

sintaxe e principalmente no patrimônio linguístico que enriquece o léxico através de palavras portadoras de elementos culturais compartilhados pelos falantes brasileiros.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Francisco da Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani Português**. São Paulo: Nagy LTDA, 1982, p.188;196.
- CARBONI, Florence. **A Linguagem Escravizada: Língua, história, poder e luta de classes**. 3 ed. São Paulo: Expressão popular, 2012.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- _____. Camões com dendê. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, ano 7, n. 78, p.36-37, Mar 2012.
- _____. O que tem de Angola no Brasil e vice-versa. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, ano4, n.39, p. 32-33, Dez 2008.
- _____. **A Influência das línguas africanas no português brasileiro**. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. Acesso em: 15 de Julho de 2013.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Introdução Geral**. 4 ed. São Paulo: Global Editora, 1997.
- LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- MENDONÇA, Renato. **A Influência africana no Português do Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- BONVINI, Emílio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: PETTER, Margarida. FIORIN, José Luiz. Orgs. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BENJAMIN, Roberto. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa: Editora Grafset, 2004.